

UMA ANÁLISE ETNOLINGUÍSTICA DA MÚSICA “FEIRA DE MANGAIO” DE SIVUCA E GLORINHA GADÊLHA

Thalita Rose Tamiarana Gadelha Taveira¹

Resumo: Neste artigo, busca-se um aprofundamento teórico da música *Feira de Mangaio* de Sivuca e Glorinha Gadêlha no que concerne às possibilidades de análise através da etnolinguística. Com o objetivo de compreender as relações da etnolinguística e da cultura, a canção foi utilizada para que possamos observar as particularidades regionais desta, bem como o maior conhecimento da música, da linguagem e do povo nordestino ao qual ela faz referência. Serão abordadas diversas particularidades do povo nordestino, mais especificamente do povo da Paraíba, já que tanto Sivuca quanto sua esposa Glorinha são paraibanos. Para fundamentar este trabalho aplicam-se as contribuições teóricas de Coseriu (1982 e 1987), Lions (1981), Mateus (2001), a fim de que se considere a referida obra como um importante arquivo socio-cultural do povo nordestino.

Palavras-chave: Etnolinguística. Cultura. Linguagem.

UMA ANÁLISE ETNOLINGUÍSTICA DA MÚSICA “FEIRA DE MANGAIO” DE SIVUCA E GLORINHA GADÊLHA

Abstract: In this article, we seek a theoretical deepening of the music *Feira de Mangaio* of Sivuca and Glorinha Gadêlha regarding the possibilities of analysis through ethnolinguistics. In order to understand the relations of ethnolinguistics and culture, the song was used so that we can observe the regional particularities of it, as well as the greater knowledge of the music, the language and the people of the Northeast to which it refers. Several peculiarities of the Northeastern people, more specifically of the people of Paraíba, will be addressed, since both Sivuca and his wife Glorinha are from Paraíba. To substantiate this work, the theoretical contributions of Coseriu (1982 and 1987), Lions (1981) and Mateus (2001) are applied in order to consider this work as an important sociocultural archive of the Northeastern people.

Keywords: Ethnolinguistics. Culture. Language.

¹ Mestra em Letras pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. E-mail: thalitartg@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Severino Dias de Oliveira (1930 – 2006), mais conhecido como Sivuca, nasceu em Itabaiana/ Paraíba, foi um multi-instrumentista, maestro, arranjador, compositor, orquestrador e cantor brasileiro. Suas composições giram em torno da música popular tipicamente nordestina como o forró e o frevo. Entretanto, devido as suas viagens aos Estados Unidos, Sivuca compunha jazz e blues, dentre outros.

A ligação de Sivuca com a música iniciou-se quando ele era ainda menino. Aos nove anos Sivuca ganha sua primeira sanfona e aos quinze já inicia seus trabalhos profissionais na Rádio Clube de Pernambuco. Em 1951 grava seu primeiro disco e em 1955 muda-se para o Rio de Janeiro, centro de oportunidades referente as artes brasileiras na época. Devido ao seu grande sucesso, morou em lugares como Lisboa, Paris e Nova Iorque lançando discos e propagando a cultura brasileira. Em 2006, vítima de um câncer, Sivuca falece e deixa uma filha, Flávia. O compositor tem atualmente trinta e três discos gravados e esteve sempre ao lado de sua esposa Glorinha Gadêlha, também compositora e cantora, nascida em Sousa/ Paraíba em 1947. Glorinha conseguiu concluir, ainda na Paraíba, seu curso de medicina, mas foi na música que a cantora se realizou. Sempre ao lado do marido Sivuca, Glorinha compunha diversas canções, dentre elas Feira de Mangaio e lançou sete discos independentes dos de Sivuca.

A música Feira de Mangaio lançada na década de 1970, foi gravada inicialmente pelo próprio Sivuca e, posteriormente, incorporada ao repertório de Clara Nunes – cantora brasileira, considerada uma das maiores interpretes do país. Neste período, o casal, Sivuca e Glorinha moravam nos EUA. Feira de Mangaio, curiosamente, foi concluída numa Mc Donald's. Para tanto, Glorinha esclarece “Essa música começou a sair de dentro

da minha alma no meio de uma aula de inglês. Aí dentro do metrô ela continuou na minha cabeça, foi crescendo. E quando cheguei no McDonald's terminei”.

Prova fiel do não esquecimento da cultura nordestina mesmo tão distante da terra, a canção Feira de Mangaio pode ser analisada através da etnolinguística, apresentando aspectos particulares do povo do nordeste e sua cultura, sacramentando através de nordestinos como Sivuca e Glorinha a resistência do nordeste e sua vasta diversidade linguístico- cultural.

ETNOLINGUÍSTICA, LINGUAGEM E CULTURA

Compreendida como estudo em relação à civilização e cultura das comunidades falantes (COSERIU, 1987), a etnolinguística é uma corrente atual da linguística e se preocupa com o estudo das diversas e possíveis variações da linguagem em relação a uma determinada civilização e sua cultura. Para tanto, pode-se observar, em linhas gerais, que a etnolinguística, do latim etno, povo, preocupa-se com os estudos voltados a língua de um povo e suas diversificações, isto é, as particularidades da linguagem de determinados grupos falantes de uma mesma língua separados geograficamente, e, portanto, detentores de costumes variados.

Desta forma um grupo restrito e sua cultura podem ser interpretados por meio da etnolinguística. Discursos diferentes que são construídos por saberes relacionados a diferentes estruturas sociais refletidos na fala de uma determinada comunidades fazem parte dos estudos da etnolinguística. Portanto, a etnolinguística para Coseriu (1987) foi definida da seguinte maneira:

A etnolinguística é estudo da civilização e da cultura refletidas nas línguas, quer dizer, fundamentalmente da organização da cultura material e intelectual (concepções ideologias) manifestada no léxico (incluindo também o “saber” relativo às relações sociais e à

linguagem como parte da realidade cultural organizada nas línguas mesmas). No mesmo plano, mas no sentido diacrônico, é objeto da etnolinguística o estudo da mudança linguística em relação com as mudanças na civilização e na cultura. (COSERIU, 1987, p. 30).

Trata-se, portanto, a etnolinguística, do estudo dos saberes acerca das coisas enquanto manifestadas pela linguagem, isto é, aspectos culturais, costumes, manifestados através da linguagem. Nesta perspectiva, podemos observar que a linguagem é compreendida como um meio de manifestação cultural, e portanto, constituída como expressão intersubjetiva, isto é, diretamente relacionada as diversidades culturais de um grupo social.

A língua, enquanto motivada pelos “saberes” (ideias, crenças, costumes, ideologias) registra determinadas organizações lexicais determinantes de experiências e conhecimentos de um povo. Portanto, podemos observar as pluralidades de questões que a língua apresenta de um grupo e sua cultura (COSERIU, 1987, p. 47).

Para tanto, há uma grande dificuldade em definir a palavra “cultura” já que a mesma é tão abrangente e encontra-se atrelada a diversas civilizações. Cultura, podemos observar, constitui pluralidades relacionadas à arte, literatura, maneiras e instituições sociais (LIONS, 1981, p. 273). Língua e cultura estão intimamente relacionadas visto que compreendemos aspectos culturais de um determinado grupo em sua língua, assim, existem várias possibilidades de codificação lexical para uma única palavra.

Por isso, comunidades distintas apresentam possibilidades de codificação também distintas para um mesmo lexema. Daí a riqueza que a linguagem apresenta: variedades linguísticas unidas a variedades culturais. Então, classificamos as diferenças lexicais e gramaticais entre as línguas atribuídas também a diferenças culturais (LIONS, 1981, p. 282). Podemos avaliar certas diferenças

lexicais, ou ainda, lexemas particulares de uma determinada comunidade dentro de uma mesma língua também, já que a disposição geográfica contribui, dentre outras questões, para as particularidades linguísticas de uma comunidade.

Nesta mesma ótica, podemos avaliar segundo Whorf que:

Cada língua é um vasto sistema diferente dos outros no qual são ordenadas culturalmente as formas e as categorias pelas quais as pessoas não só comunicam como também analisam a natureza e os tipos de relações e de fenômenos, ordenam o seu raciocínio e constroem a sua consciência. (WHORF op, cit MATEUS, 2001, p. 4).

Desta forma através da língua é possível avaliar os aspectos culturais de uma comunidade bem como a maneira pela qual elas se comunicam e analisam variadas questões cotidianas. Assim, é possível avaliar a relação estreita entre linguagem e cultura visto que o comportamento de uma determinada comunidade falante nos é apresentado através da língua proferida por ela e, assim, questões sociais, políticas, econômicas e culturais transparecem por meio do contexto social inseridos na linguagem.

Portanto, a língua contribui poderosamente para que se reconheça a si próprio ou a outro sujeito inserido em determinada cultura, e se apresenta como um fator de identificação cultural, já que o contexto em que o sujeito está inserido favorece relações estreitas entre ele, o espaço geográfico, a língua e, por conseguinte, sua cultura apresentada através da língua (MATEUS, 2001, p. 20).

Devemos considerar, entretanto, que para Coseriu (1982, p. 48), as palavras mudam continuamente e, por isso, uma palavra nunca é exatamente a mesma. Isso significa que com o passar do tempo, determinado lexema pode mudar de significado, ou ainda, adquirir novos significados. Isto contribui para a riqueza linguística

o que proporciona uma vasta gama de significados lexicais nas mais variadas línguas.

Nesta perspectiva, partiremos para a análise da música *Feira de Mangaio* e os significados dos lexemas que abrangem aspectos culturais do povo do Nordeste nesta canção. Para tanto é interessante considerar que a região nordeste possui uma grande diversidade cultural devido ao contato entre índios, brancos e negros no período de colonização do Brasil, bem como a posterior mistura entre essas raças, o que proporcionou ao povo do nordeste as primeiras ligações e trocas culturais no território brasileiro.

FEIRA DE MANGAIO

Foi preferível analisar a música *Feira de Mangaio* estrofe por estrofe, para que o entendimento dos lexemas sejam mais precisos. Para tanto, observemos os aspectos discutidos pelos teóricos anteriormente citados e poderemos encontrar palavras-chave que nos levam ao campo de cultura e tradição do povo do nordeste. É interessante salientar que os significados dos lexemas trabalhados foram encontrados em dicionários, bem como em acessos de sites específicos sobre a cultura nordestina ou ainda, em conversas com nordestinos; pessoas que vivenciam os aspectos culturais apresentados na canção.

Feira de Mangaio (NAVARRO,2013. p.325), conhecida também entre os pernambucanos por Feira do Mangangá, é uma feira da região nordeste que comercializa produtos artesanais de grande variedade, desde produtos domésticos, a agropecuária e fármacos, ou seja, uma feira livre. *Mangaio*, por sua vez, é um instrumento desenvolvido para carregar pequenos objetos, produtos ou frutas.

O mangaio (MOZART, 2013) é constituído essencialmente por uma vara, colocada por trás do pescoço para que se possa carregar os produtos,

e dois cestos de cipó em cada extremidade que receberá o produto a ser transportado pelo *mangaieiro*, os profissionais do mangaio, ou seja, uma espécie de camelô do Nordeste. Tanto as feiras de mangaio em todo o nordeste, bem como os comerciantes envolvidos com as feiras exercem importante papel de preservação da história e da cultura do povo nordestino que perpassa gerações.

Fumo de rolo, arreio de cangaia,
Eu vim pra vender, quem quer comprar?
Bolo de milho, broa e cocada,
Eu vim pra vender, quem quer comprar?
(SIVUCA, GADELHA, 1978)

Um dos produtos populares comercializados nas feiras de mangaio é o *fumo de rolo* (NAVARRO,2013.p. 344), um tipo de fumo torcido utilizado para confeccionar cigarros de palha ou ainda mascar pedaços deste fumo. Folhas são enroladas em cordas e colocadas ao sol para secar por mais de sessenta dias. O fumo de rolo é ainda um produto essencial no comércio da feira de mangaio e é de costume do povo nordestino comprar e vender este tipo de fumo apenas em feiras de mangaio. Portanto, não foram encontrados registros da venda desse fumo em outros tipos de comércio, exceto em casas específicas para venda de fumo.

Para que possamos chegar à definição de *Arreio de cangaia* é necessário primeiramente compreendermos que a palavra “cangaia” vem de “cangalha”. Informalmente, o povo do interior do Nordeste, assim como em outras regiões do Norte e do Sul do país, ou ainda nas periferias das grandes cidades, é de costume mudar o morfema *lha* por *ia*, ou seja, estamos de frente para um fenômeno linguístico conhecido por *jeísmo* que consiste na troca do *lh* pelo *i* (ABREU, 2013)

Estamos lidando com uma transformação da língua, isto é, uma evolução linguística, que no entendimento dos falantes facilita o processo de comunicação. Para tanto, devido ao fenômeno,

palavras como *trabalho* transformam-se em *trabaio*, ou ainda *telha*, transforma-se em *teia*. Assim *cangalha* transformou-se em *cangaia* na canção.

Cangalha pode ser classificado como uma armação de madeira ou de ferro em que se sustenta e equilibra a carga das bestas. Para tanto, no Nordeste, também existe a pessoa cangalha, isto é, aquela que tem as pernas arqueadas; o mesmo formato dado as pernas das pessoas que montam nas bestas. Portanto, *arreio de cangaia* é a estrutura utilizada entre o povo do Nordeste para vestir mulas que sustentarão cargas.

O *bolo de milho* (MARCENA, 2012,p.227) é um prato tipicamente nordestino feito basicamente de milho e muito consumido no período de festas juninas que acontece em junho, sendo um dos pratos fundamentais nesta época festiva. Entretanto, em todo o nordeste é possível encontrar bolos de milho em *delicatessens* ou ainda produzidos pelos próprios nordestinos em suas casas nos outros meses do ano visto que este bolo encontra-se fortemente presente na cultura do povo no nordeste.

Outra comida tradicional no nordeste feita de milho é a *broa* (MARCENA, 2012,p.64). Também produzida no sudeste brasileiro, a *broa* é uma espécie de pão de milho. O termo *broa* é uma adaptação “abrasileirada” de *bread*, em inglês, pão. A *broa* foi bastante difundida no período de exploração de riquezas minerais em Minas Gerais, sendo, portanto, um pão de milho que garantia parte da sustança dos bandeirantes. No nordeste, pelo fato de ter como matéria-prima o milho, a *broa* é muito aceita em todas as regiões e costuma vir acompanhada de uma xícara de café.

Cocada (MARCENA, 2012,p.101) é um doce tradicional em várias partes do mundo. De origem africana, a *cocada* chegou ao Brasil ainda no período de colonização através das escravas que faziam bom uso de seus dotes culinários adaptando seus conhecimentos aos produtos encontrados em abundância no Brasil. A *cocada* no Brasil

provavelmente foi feita inicialmente em Salvador, fonte das origens da maioria dos pratos feitos de coco em terras brasileiras, e posteriormente, produzidas nos outros estados do nordeste.

Dando sequência a análise etnolinguística da música proposta, observemos a segunda estrofe:

Pé de moleque, alecrim, canela
Moleque sai daqui me deixa trabalhar
E Zé saiu correndo pra feira de pássaros
E foi passo-voando pra todo lugar
(SIVUCA, GADELHA, 1978)

O *pé de moleque* (CAMELO,2014. p.211) foi levado para a Europa pelos árabes ainda na idade média e posteriormente trazido pelos europeus para o Brasil. Um doce feito basicamente de amendoim torrado e açúcar, o *pé de moleque* tem duas possíveis explicações para seu nome: a primeira é de que o nome do doce seja uma referência aos pés dos meninos negros que corriam descalços no período de colonização brasileira. Outra possibilidade é a de que as cozinheiras que preparavam o doce diziam às crianças que pedir os doces na cozinha “Pede, Moleque!”. São duas possíveis origens bastante interessantes para o nome do doce.

Há ainda a produção do bolo de pé de moleque, também feito à base de amendoim. Em Pernambuco ainda há outra variação: o *manué* (MARCENA,2012. p.217). Chamado por alguns como pé de moleque, o *manué* é uma comida tipicamente pernambucana feita a base de farinha de mandioca e um toque de erva doce. Tanto a textura quanto o formado do *manué* é diferente do pé de moleque das demais regiões. É provável que o pé de moleque pernambucano coberto, de folhas de bananeira e encontrado facilmente no centro da cidade do Recife, tenha sido dado pela semelhança do prato típico com um pé. Entretanto, os mais antigos ainda preferem chamá-lo de *manué*.

Dando sequência aos lexemas tanto o *alecrim* (MARCENA,2012. p.23) quanto a *canela* (2012,p.83) são especiarias trazidas pelos colonizadores e

utilizadas tanto na culinária quanto na medicina. O alecrim na culinária para preparação de carnes e na medicina no combate a febres. Já a canela é utilizada na culinária para biscoitos e doces e na medicina no combate ao açúcar no sangue e a hipertensão. Tanto o alecrim quanto a canela são especiarias encontradas em qualquer feira de mangaio, daí a citação delas na música.

A *Feira dos pássaros* citada na canção é uma feira costumeira do povo do nordeste. Principalmente no interior dos estados é fácil encontrar perto de feiras de mangaio ou de mercados públicos feiras específicas para venda de pássaros. Contudo, esta prática vem sendo combatida pelo IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) a fim de reduzir o tráfico de animais no Brasil.

No verso seguinte, Sivuca e Glorinha utilizam o lexema composto *passo-voando*, que quer dizer “pássaro voando”. Estamos frente a mais um fenômeno linguístico: o metaplasmo por supressão de sons que consiste em suprimir o som do começo, meio ou fim de determinadas palavras.

Passo-voando na verdade é “pássaro voando”; o fim da palavra “pássaro” foi suprimido e escrito da mesma forma como é pronunciado por diversos falantes nordestinos. Os compositores da música *Feira de Mangaio* encontraram neste verso uma maneira bem criativa tanto para encaixar as palavras do verso na melodia da música quanto, ao mesmo tempo, conseguiram apresentar mais um fenômeno linguístico costumeiro do nordeste.

Tinha uma vendinha no canto da rua, onde o
mangaieiro ia se animar
Tomar uma bicada com lambú assado, e olhar
pra Maria do Joá
Tinha uma vendinha no canto da rua, onde o
mangaieiro ia se animar
Tomar uma bicada com lambú assado, e olhar
pra Maria do Joá
(SIVUCA, GADELHA, 1978)

Vendinha é o diminutivo de venda, um pequeno armazém, uma mercearia. No nordeste

é costumeiro o emprego de diminutivos em substantivos e adjetivos no sentido de manifestação de carinho. Assim, é de costume dos nordestinos oferecer cafezinhos, suquinhos, docinhos e afins. A palavra *mangaieiro* já foi por nós analisada neste artigo.

Em sequência *bicada* (CAMELO,2013.p.51) que quer dizer “embreagado, bêbado”. Então, *tomar uma bicada* significa dizer que o mangaieiro ia se embreagar perto da feira do mangaio e lá comeria um *lambú* assado: uma espécie de ave chamada em outras regiões do país por “nhambu”, “inambu” ou “inhambu”. Em Pernambuco ainda é do costume de todos chamar uma mulher feia, desproporcional, de “lambu”. A música ainda acrescenta que o mangaieiro, bêbado, ainda olhava para a esposa de outro mangaieiro, a *Maria do Joá*. A preposição “do” na canção dá então, no trecho, ideia de posse.

Cabresto de cavalo e rabichola
Eu tenho pra vender, quem quer comprar
Farinha, rapadura e graviola
Eu tenho pra vender, quem quer comprar
(SIVUCA, GADELHA, 1978)

Em sequência, Sivuca e Glorinha seguem o mesmo princípio das duas primeiras estrofes da música, isto é, apresentam utensílios e alimentos encontrados em feiras de mangaio. Para tanto, *cabresto de cavalo* vem em sequência e é o nome dado a corda colocada na cara do cavalo utilizada para guia-lo. *Rabichola* (CAMELO,2013. p.230) também é um produto vendido em feiras de mangaio e também pertence a gama de produtos agropecuários. É o acessório utilizado para segurar a cangalha em animais de carga. A rabichola fica atrelada a uma corda e é colocada atrás do animal, perto do ânus, para garantir que a carga fique bem segura.

Farinha (MARCENA,2012. p.141) é outro produto muito vendido em feiras de mangaio e bastante utilizado em alimentos pelos nordestinos. É geralmente obtido por cereais moídos como o

trigo ou ainda por raízes ricas em amido, como a mandioca. *Rapadura* (2012.p.294) é um doce nordestino muito tradicional. Referenciada como principal doce consumido no Ceará, a rapadura é produzida a partir da raspa de camadas de açúcar que ficava presa nos tachos utilizados na fabricação do açúcar previamente aquecido. Por último a *graviola* (2012.p.160), fruta agridoce de polpa branca bastante consumida pelos nordestinos e, assim como outras frutas, encontrada nas feiras de mangaio espalhadas pelo nordeste.

Pavio de candeeiro, panela de barro
Menino vou me embora, tenho que voltar
Xaxar o meu roçado que nem boi de carro
Alpargata de arrasto não quer me levar
(SIVUCA, GADELHA, 1978)

Dando sequência aos utensílios temos o *pavio de candeeiro* (CAMELO,2013. p.73). Pavio é o nome dado ao fio colocado em candeeiros ou velas no qual se coloca fogo. Candeeiro, por conseguinte, é um utensílio utilizado para iluminar ambientes. Geralmente funcionam a gás ou petróleo outro líquido inflamável. No passado, bastante utilizado nas zonas rurais dos estados do nordeste onde havia frequentes faltas de luz elétrica.

A *panela de barro* é outro utensílio doméstico bastante utilizado pelos nordestinos, especialmente nos interiores. É uma panela como outra qualquer, mas, produzida com barro, o que dá um toque diferente nas comidas cozinhada por ela. É também a panela mais antiga e reconhecida desde a pré-história. No Brasil, os índios costumavam usar a panela de barro, depois passada para o costume dos negros escravizados.

Xaxar o meu roçado (MARCENA,2012. p.369) é uma expressão de cunho rural e significa “preparar a roça para a plantação”. Daí, portanto o nome do ritmo “xaxado” que consiste numa dança proposta em roçar, bater mansamente, os pés no chão e forma ritmada. Portanto, “xaxar o roçado” é preparar o solo sem auxílio de tecnologias como

o *boi de carro* – utilizado no transporte de cargas e produtos agrícolas, além de auxiliar na preparação do solo para o plantio.

Alpargata, conhecida também por “alpercata” (MARCENA,2012. p.25), é uma sandália de couro desenvolvida pelos cangaceiros e muito usada até hoje. *Alpargata de arrasto*, então, é a sandália de couro do povo nordestino. “De arrasto” porque esse tipo de calçado costuma fazer barulho ao arrastar no chão, por isso a lembrança da alpargata ser de arrasto, ou seja, de couro. Na sequência da música há a referência a uma festa. Para tanto, os compositores já anunciam que as alpargatas não querem levar o seu dono, a pessoa que canta a música.

Porque tem um Sanfoneiro no canto da rua,
fazendo floreio pra gente dançar
Tem Zefa de Purcina fazendo renda, e o ronco
do fole sem parar
Porque tem um Sanfoneiro no canto da rua,
fazendo floreio pra gente dançar
Tem Zefa de Purcina fazendo renda, e o ronco
do fole sem parar
(SIVUCA, GADELHA, 1978)

Desta maneira, a música finda com última estrofe apresentando uma festa dentro da feira de mangaio; o chamado “fim de feira”. Um sanfoneiro, homem que toca sanfona – nome dado ao acordeon no nordeste – tocando no canto da rua e *fazendo floreio*, ou seja, fazendo malabarismos com o instrumento, fazendo movimentos musicais que fazem todos da feira do mangaio dançar.

Mais uma lembrança dos compositores a tradição nordestina ao ressaltar a rendeira, representada na música por Zefa de Purcina, personagem criada para referenciar o trabalho manual da renda, feito com diversos tipos de fios e malhas e também encontrado em qualquer feira de mangaio. Por fim, *ronco do fole*, expressão dada para representar o som da sanfona que possui um fole – aparelho que serve para produzir vento.

CONCLUSÃO

A música “Feira de Mangaio” é muito popular entre o os nordestinos. Cantada pela maioria dos cantores de forró permanece presente em qualquer festividade do povo do nordeste - principalmente no período das festas juninas em junho. Esta música tornou-se mundialmente conhecida por ter sido composta por Sivuca, mestre sanfoneiro propagador da cultura brasileira e popularizando-se na voz de Clara Nunes, interprete brasileira renomada e considerada uma das melhores do país. Por ter sempre buscado a valorização da cultura popular, Clara Nunes cantou forrós e sambas procurando sempre a preservação da cultura e a tradição do povo brasileiro.

A música “Feira do Mangaio” é um exemplo de preservação e propagação da cultura e da tradição de um povo. Os paraibanos Sivuca e Glorinha Gadêlha valorizaram diversos costumes do nordeste descrevendo uma feira de mangaio, seus produtos, alimentos e travessuras nelas contidas. Assim, a música “Feira de Mangaio” é um prato cheio de cultura, isto é, um acervo riquíssimo da cultura nordestina; apresentando um pouco de um povo que preza pelas tradições e costumes, além de apresentar as variações linguísticas do povo do nordeste e seus lexemas peculiares. Desta forma, através da análise etnolinguística podemos compreender certas particularidades aqui apresentadas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Jade. **Seminário de linguística: yeísmo, rotacismo e plurais redundantes.** Disponível em <<https://prezi.com/lqkt34ar6vck/seminario-linguistica-yeismo-rotacismo-e-plurais-redundantes/>> Acessado em junho de 2019.
- CAMELO, Paulo. **Dicionário do falar** Pernambucano. Recife: Ed. do Autor, 2014.
- COSERIU, Eugenio. **Fundamentos e tarefas da sócio e da etnolinguística.** In: Sociedade, Língua e Cultura. João Pessoa: Shorin, UFPB, 1987.
- _____. **O homem e a linguagem: estudos de teoria e metodologia linguística.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1982.
- LYONS, Jhon. **Linguagem e cultura. In: Linguagem e Linguística – uma introdução.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- MARCENA, Adriano. **Dicionário escolar da diversidade cultural pernambucana.** Recife: Ideia, 2012.
- MATEUS, Maria Helena. **Se a língua é um fator de identificação cultural, como se compreenda que uma língua viva em diferentes culturas?** Artigo disponível em <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2001-mhmateus-quando_uma_lingua_vive.pdf> Acessado em junho de 2019.
- MOZART, Fábio. **Você sabe o que é Mangaio?** Disponível em <<http://fabiomozart.blogspot.com.br/2013/12/voce-sabe-o-que-e-mangaio.html>> Acessado em junho de 2019
- NAVARRO, Fred. **Dicionário do Nordeste.** Recife: Cepe, 2013.

Submissão: julho de 2019.

Aceito: fevereiro de 2020.